

Vitruvian Cogitationes - RVC





Mini-histórias na educação infantil: possibilidades de aprendizagens em ciências

Minicuentos en educación infantil: posibilidades para el aprendizaje de las ciencias


Mini-stories in early childhood education: possibilities for learning in science


Laercio Francesconi

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ  e-mail:
laercio.francesconi@unijui.edu.br


 <https://orcid.org/0000-0002-2340-3721>

Maria Cristina Pansera de Araújo

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ  e-mail:
pansera95@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2380-6934>

Rosa Branca Cameira Tracana Pereira

Instituto Politécnico da Guarda - IPG  e-mail: rtracana@ipg.pt

 <https://orcid.org/0000-0002-0694-8033>

Resumo: Neste artigo, apresentamos a investigação sobre os registros da atuação das crianças (mini-histórias) tendo em vista as vivências propiciadas pelos professores da escola. A investigação é qualitativa, bibliográfica e observacional. Na pesquisa empírica, foram realizadas observações, videograções e registros fotográficos das atividades realizadas pelas crianças de uma turma do Pré de uma escola da rede pública municipal de Ijuí/RS. As vídeo-gravações das atividades foram transcritas e organizadas nas mini-histórias, que aprofundam a compreensão dos momentos e conceitos de Ciências Naturais, necessários ao protagonismo e às aprendizagens possibilitadas.

Palavras-chave: Formação docente; Protagonismo; Documentação Pedagógica; Currículo.

Resumen: Este artículo presenta una investigación sobre los registros de vida de niños (minihistorias) a la luz de las experiencias de docentes en el sistema escolar público. La

investigación es cualitativa, bibliográfica y observacional. La investigación empírica utilizó observaciones, grabaciones de video y registros fotográficos de actividades realizadas por niños en una clase de preescolar en una escuela pública de Ijuí/RS. Las grabaciones de video de las actividades se transcribieron y organizaron en mini historias que profundizan la comprensión de momentos y conceptos en Ciencias Naturales, necesarios para el empoderamiento y el proceso de aprendizaje.

Palabras-clave: Formación docente; Empoderamiento; Documentación pedagógica.

Abstract: *This article presents research on children's life records (mini-stories) in light of the experiences of teachers in the public school system. The research is qualitative, bibliographic, and observational. The empirical research utilized observations, video recordings, and photographic records of activities carried out by children in a preschool class at a public school in Ijuí/RS. The video recordings of the activities were transcribed and organized into mini-stories, which deepen the understanding of moments and concepts in Natural Sciences, necessary for empowerment and the learning process enabled.*

Keywords: *Teacher training; Empowerment; Pedagogical documentation; Curriculum.*

1 INTRODUÇÃO

A documentação pedagógica é entendida como uma estratégia central que ajuda professores a investigar, compreender e deixar explícita que a pedagogia é um sistema de valores, teorias e práticas. Entendemos, também, que a documentação pedagógica é uma estratégia usada na sustentação do conhecimento praxiológico e para o testemunho de nossa imagem de criança, de adulto e de escola (Fochi, 2019). Importante salientar que encontramos nas mini-histórias uma dimensão comunicativa e testemunhal, que só tem valor porque está situada numa prática cujo ponto de partida é o pensamento de uma criança e de um adulto, compartilhado durante uma jornada de aprendizagem participativa, em um espaço privilegiado, onde a criança é o centro de todo o processo educativo, no caso, a escola. Precisamos entender que quando coletamos dados para construir uma mini-história não estamos fazendo um acúmulo de narrativas soltas e imaginárias sobre as crianças, mas que estamos construindo um documento que auxilia compreender a participação e a evolução do desenvolvimento da criança em uma prática pedagógica (Francesconi; Pansera-de-Araújo; Tracana, 2023).

Para Vecchi (2013, p. 212), as mini-histórias “são grandes exercícios de escuta das situações que se transformam em um grande instrumento de estudo para compreender melhor as crianças em uma forma de comunicação que podem ser facilmente compartilhadas”. Nessa perspectiva, a mini-história deixa de ser apenas um registro do que aconteceu e passa a assumir um caráter investigativo, permitindo ao professor interpretar as situações vividas à luz das teorias da infância e da aprendizagem. Ao transformar a escuta atenta em narrativa, o docente produz um documento que vai além da descrição dos fatos, pois revela sentidos, hipóteses e modos de pensar das crianças, tornando visíveis aprendizagens que, muitas vezes, passam despercebidas no dia a dia da escola.

Em diálogo com essa compreensão, Altimir (2010) enfatiza a importância do adulto aprender a escutar e a olhar a criança de forma reflexiva, reconhecendo suas ações como expressões legítimas de pensamento e de linguagem. Para o autor, quando o professor observa atentamente o cotidiano infantil, ele estabelece relações entre aquilo que as crianças fazem e os contextos nos quais estão inseridas, ampliando sua compreensão sobre como os processos de aprendizagem se constroem. Essa atitude exige uma postura reflexiva e crítica, que possibilite

ao docente ir além da aparência dos acontecimentos e reconhecer a complexidade e a riqueza das experiências vividas pelas crianças.

Altimir (2010) também chama a atenção para os diferentes tempos das aprendizagens, lembrando que as crianças não aprendem de maneira linear nem padronizada. Nesse sentido, as mini-histórias revelam-se especialmente importantes, pois são capazes de acolher essas temporalidades singulares e de registrar processos que se constroem pouco a pouco, respeitando os ritmos individuais e coletivos. Ao narrar esses percursos, as mini-histórias valorizam não apenas os resultados finais, mas principalmente os caminhos trilhados, as tentativas, os erros, os acertos e as descobertas que fazem parte da construção do conhecimento infantil.

A comunicação por meio das mini-histórias permite, assim, que os professores tornem visíveis as aprendizagens das crianças como protagonistas de suas próprias histórias, rompendo com visões adultocêntricas do ensino. Ao evidenciar como as crianças aprendem, o que aprendem e de que maneira constroem conhecimentos nas interações com os adultos e com os pares, essas narrativas tornam-se importantes ferramentas de análise pedagógica. Elas ajudam a compreender a aprendizagem como um processo situado e construído, no qual a interação entre adulto e criança ocupa um lugar central.

Nessa perspectiva, o trabalho pedagógico que é desenvolvido na escola passa a compreender as mini-histórias não como produções isoladas, mas como parte de um processo contínuo de retomada e análise das observações feitas pelos professores da Educação Infantil. Os docentes ao revisitar os registros, ampliam seu olhar sobre as experiências vividas, reinterpretem as situações e atribuem novos sentidos ao planejamento pedagógico. Esse movimento constante de observar, registrar, refletir e replanejar contribui de forma significativa para o desenvolvimento profissional docente, fortalecendo uma prática pedagógica ancorada na escuta sensível e na reflexão crítica.

Dessa forma, a prática pedagógica da escola encontra sustentação na documentação pedagógica, entendida como um dispositivo que articula observação, registro e interpretação do cotidiano das crianças. Inseridas nesse contexto, as mini-histórias evidenciam não apenas as aprendizagens infantis, mas também os modos como os professores constroem, analisam e ressignificam sua própria prática educativa. Ao documentar, narrar e compartilhar essas experiências, a escola fortalece uma cultura pedagógica reflexiva, na qual crianças e professores são reconhecidos como sujeitos ativos na produção de conhecimento e na construção de sentidos sobre ensinar e aprender.

O protagonismo na aprendizagem coloca no brincar a peça fundamental nesse processo, em que as crianças exploram com autonomia todas as suas linguagens, criando hipóteses, se reinventando, argumentando, observando os caminhos possíveis de vivenciar o mundo. Esta prática de observação, registro e divulgação, conhecida como documentação pedagógica, pode ser realizada de múltiplas maneiras como portfólios, fotografias, vídeos, registro escrito e, em especial, as mini-histórias que têm um papel revelador do cotidiano das crianças. Os professores passam a se interessar cada vez mais pela potência reveladora das fotografias sobre “gestos, olhares e expressões a partir de imagens no lugar das narrativas verbais das crianças” (Fochi, 2019, p. 103). É fundamental ressaltar a relevância da documentação pedagógica, em especial das mini-histórias, para buscar a escuta das crianças e ainda refletir sobre como dar visibilidade essa escuta para as famílias. Para além de registros mecânicos, essa escuta é um processo de reflexão sobre cada material produzido.

A valorização do protagonismo infantil nas mini-histórias não diminui o papel do professor; ao contrário, contribui para ressignificá-lo como protagonista do processo pedagógico, especialmente no contexto da documentação pedagógica. É o docente quem acompanha o cotidiano, observa com atenção, escuta com sensibilidade, seleciona acontecimentos significativos e os transforma em narrativas que dão sentido às experiências

das crianças. Nesse percurso, o professor deixa de ser apenas um transmissor de conteúdos e passa a assumir uma postura investigativa sobre a própria prática, tal como defendem diferentes autores da pedagogia da infância. Para Rinaldi (2012), a documentação pedagógica é um ato ético e político, pois envolve escolhas intencionais que tornam explícitas as concepções de criança, de aprendizagem e de educação que orientam o trabalho docente. Ao documentar as experiências infantis, o professor também se revela, expondo seus valores, suas crenças e seus modos de intervir no processo educativo.

Nessa direção, a documentação pedagógica cria um espaço fértil para a expressão da subjetividade profissional, favorecendo a reflexão crítica sobre as ações, decisões e relações estabelecidas com as crianças. Trata-se de um processo formativo permanente, no qual o professor revisita o cotidiano educativo para compreender de que maneira tem interpretado as manifestações infantis e como suas intervenções têm potencializado ou, por vezes, limitado as aprendizagens. Conforme destacam Oliveira-Formosinho e Formosinho (2017), a documentação não deve ser compreendida como um produto acabado, mas como um processo reflexivo contínuo, que sustenta práticas pedagógicas participativas, colaborativas e investigativas, contribuindo de modo significativo para o desenvolvimento profissional docente.

Nesse sentido, a documentação pedagógica configura-se como um instrumento potente para acompanhar o desenvolvimento das crianças, pois torna visíveis seus percursos de aprendizagem, as hipóteses que constroem, as linguagens que utilizam e os modos singulares de se relacionar com o mundo. Partindo de uma concepção de criança competente, ativa e produtora de cultura como defende Corsaro (2011), a documentação distancia-se de uma lógica avaliativa classificatória e aproxima-se de uma avaliação formativa, interpretativa e contextualizada, que respeita os tempos, os interesses e os processos de cada criança.

É nesse cenário que a mini-história se destaca como um procedimento sensível e aprofundado de documentação pedagógica, pois condensa o exercício da escuta atenta à criança, articulando narrativa, imagens e reflexão pedagógica. De acordo com Fochi (2019), a mini-história não se limita a relatar acontecimentos do cotidiano, mas busca compreender os sentidos que as crianças produzem em suas experiências. Para isso, exige do professor um olhar acolhedor, capaz de se deixar afetar pelas situações vividas e de reconhecer a potência educativa presente nos pequenos gestos, nas perguntas inesperadas e nas investigações espontâneas das crianças.

Ao registrar os “fragmentos invisíveis” do cotidiano aqueles momentos que muitas vezes passam despercebidos na rotina escolar a mini-história valoriza a riqueza das vivências infantis e revela aprendizagens que não se expressam apenas em resultados finais, mas nos processos, nas interações e nas narrativas construídas pelas próprias crianças. Como afirma Vecchi (2013), documentar é tornar visível o pensamento infantil, reconhecendo que as crianças constroem significados complexos por meio de múltiplas linguagens. Assim, a mini-história fortalece um olhar pedagógico que observa, admira e interpreta a infância em sua integralidade, ao mesmo tempo em que reafirma o professor como sujeito reflexivo, autor e produtor de conhecimento pedagógico.

O objetivo deste trabalho consiste em analisar os registros da atuação das crianças como sujeitos protagonistas do processo de aprendizagem, tendo em vista as vivências propiciadas pelos professores da escola, como possibilidades de aprendizagens em Ciências.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa, aqui relatada, é parte de uma dissertação de mestrado e foi realizada com 20 crianças da turma do Pré 2, com idades entre 5 e 6 anos, duas professoras da turma (uma

Graduada em Pedagogia e outra com Especialização em Educação) e uma coordenadora pedagógica da Educação Infantil. Um dos autores do texto acompanhou o desenvolvimento das aulas fazendo observações, registros fotográficos e por escrito. Destas 20 crianças, 6 são meninas e 14 são meninos. Para iniciar a pesquisa, ocorreu uma conversa com a Direção e Coordenação da escola e, posteriormente, com as famílias, explicando os objetivos e a função das crianças na mesma.

Após os pais terem sido esclarecidos e autorizar formalmente a pesquisa, bem como a direção da escola, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da UNIJUÍ e aprovado com o parecer número 3.658.202. Depois da aprovação foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a todos os pais das crianças para que elas pudessem participar da pesquisa e iniciado o acompanhamento das aulas, observação e registro fotográfico, áudio gravado e escrito das atividades feitas pelas crianças.

Em relação ao proposto, a opção foi utilizar apenas os registros fotográficos e as audiografações com as crianças, que subsidiaram a escrita das mini-histórias. As observações foram realizadas nas aulas da professora regente da turma de Pré 2, com duração de cerca de 2h30min, às vezes no início e outras no final do turno. As aulas duravam um total de 4 horas por dia. As videografações das atividades foram transcritas e, juntamente com as fotos e os registros escritos, foram organizadas nas mini-histórias.

Após as observações, fotografias e gravações, os professores elaboraram “mini-histórias” para relatar o que aconteceu naquele momento de interação das e com as crianças. A partir disso, foi montada a sequência de fotos com o relato, exposto no mural ao lado da porta da sala de aula, para que as famílias pudessem acessar estes documentos. As mini-histórias objetivam dar visibilidade para as famílias e comunidade escolar sobre o que as crianças estão vivenciando na escola e suas aprendizagens.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

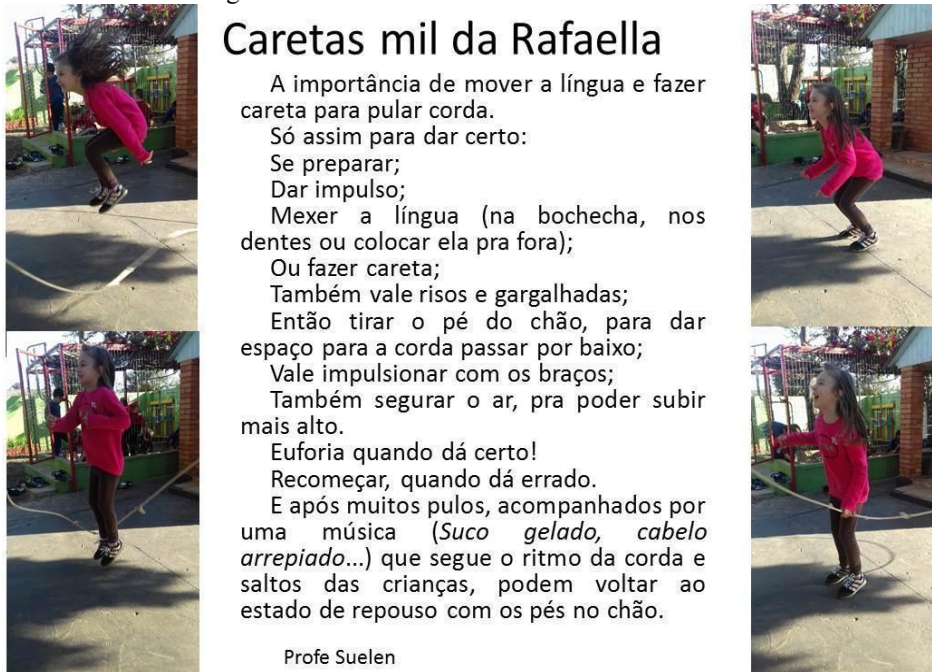
As “mini-histórias” resultam de atividades que podem ser realizadas de forma individual ou em grupos de crianças, num dado momento. Nas observações, percebe-se que tanto dentro da sala de aula quanto fora, em atividades livres ou dirigidas, há produção de material que documenta de forma significativa as aprendizagens e o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo das crianças, em interação uns com os outros no uso da linguagem verbal. Há um diálogo entre as crianças, que escutam as ideias dos demais para, no final, chegarem a uma conclusão sobre o que pode ser feito e qual a melhor maneira de fazer.

Ao realizar a narrativa da mini-história, é fundamental reconhecer que o professor não se limita a registrar fatos de forma descritiva ou técnica; em muitos momentos, ele recorre intencionalmente a uma escrita poética, sensível e carregada de significados, como estratégia para tornar visíveis as experiências infantis em sua complexidade. Essa linguagem poética não se configura como um adorno estético, mas como uma escolha pedagógica que amplia a compreensão do que acontece no cotidiano da criança, valorizando gestos, movimentos, expressões corporais e emoções que dificilmente seriam capturados por uma escrita meramente objetiva.

Na figura 1, ao narrar a experiência da criança ao pular corda, a professora lança mão de imagens poéticas para descrever o corpo em ação: o momento de concentração antes do salto, o impulso que antecede o movimento, a língua que se movimenta involuntariamente, as caretas que acompanham o esforço e a alegria do brincar. Essa forma de escrita permite que o leitor “veja” a criança em movimento, evidenciando o caráter integral da experiência vivida. Como defendem autores da documentação pedagógica, a linguagem poética aproxima o adulto do universo infantil, possibilitando uma leitura mais sensível e respeitosa da infância.

Para além da dimensão estética, essa narrativa poética revela aprendizagens profundas relacionadas com o ensino de ciências na Educação Infantil. O ato de pular corda envolve uma complexa articulação do corpo, que pode ser compreendida como uma experiência concreta de conhecimento do próprio organismo. Ao saltar, a criança mobiliza o sistema locomotor, coordena músculos e articulações, regula a respiração e ajusta o equilíbrio corporal, construindo saberes corporais e científicos de forma integrada e vivencial.

Figura 1 – Mini-história “Caretas mil da Rafaella”



Caretas mil da Rafaella

A importância de mover a língua e fazer careta para pular corda.
Só assim para dar certo:
Se preparar;
Dar impulso;
Mexer a língua (na bochecha, nos dentes ou colocar ela pra fora);
Ou fazer careta;
Também vale risos e gargalhadas;
Então tirar o pé do chão, para dar espaço para a corda passar por baixo;
Vale impulsionar com os braços;
Também segurar o ar, pra poder subir mais alto.
Euforia quando dá certo!
Recomeçar, quando dá errado.
E após muitos pulos, acompanhados por uma música (*Suco gelado, cabelo arrepiado...*) que segue o ritmo da corda e saltos das crianças, podem voltar ao estado de repouso com os pés no chão.

Profe Suelen

Fonte: Elaborado pelos autores.

Além disso, a brincadeira da corda evidencia a noção de ritmo, que se manifesta não apenas no movimento do corpo que salta, mas também na música cantada e na ação de quem gira a corda. Nesse contexto, observa-se uma dinâmica coletiva em que um dos participantes assume o papel de regulador da velocidade da brincadeira, determinando se o movimento será mais lento ou mais acelerado. Essa variação de ritmo permite que as crianças percebam relações de causa e efeito, como o impacto da velocidade da corda sobre o esforço físico, a respiração e a duração da brincadeira, elementos diretamente relacionados às ciências, especialmente à física do movimento e à fisiologia humana.

A mini-história, ao registrar essas experiências por meio de uma escrita poética, contribui para que o professor reconheça e evidencie conteúdos científicos que emergem espontaneamente no brincar. No caso de Rafaella, por exemplo, as “mil caretas” descritas na narrativa não são apenas expressões lúdicas, mas sim movimentos da musculatura facial e das reações corporais ao esforço e à concentração ao pular corda. Assim, o ensino de ciências se materializa na observação do corpo em ação, das sensações percebidas e das respostas físicas ao movimento.

Dessa forma, a escrita poética utilizada pelo professor na mini-história atua como uma ponte entre o sensível e o científico, permitindo que o cotidiano da Educação Infantil seja compreendido como um espaço legítimo de produção de conhecimento. Ao narrar com sensibilidade, o docente amplia seu olhar pedagógico, reconhecendo que o ensino de ciências, na infância, não se dá pela fragmentação de conteúdos, mas pela vivência integrada do corpo, do movimento, da linguagem e da interação social. A mini-história, portanto, torna-se um

potente dispositivo pedagógico que articula narrativa, poesia e ciência, reafirmando a criança como protagonista de suas aprendizagens e o professor como autor e intérprete desses processos.

Podemos perceber na figura 2, a mini-história “A invenção de Pedro” evidencia, de forma sensível e potente, como o brincar livre, mediado por materiais não estruturados, pode se constituir em um espaço privilegiado para a aprendizagem em Ciências na Educação Infantil. A utilização de pedaços de madeira e pneus, objetos provenientes de contextos diversos e ressignificados pelas crianças, revela não apenas a criatividade infantil, mas também a emergência de conceitos científicos que se constroem a partir da experiência concreta, da observação e da experimentação.

Ao questionar “*de onde vieram estes pneus e pedaços de madeira?*”, o grupo é convidado a refletir sobre o ciclo de vida dos materiais, introduzindo, de maneira contextualizada e significativa, o conceito de reciclagem e reutilização. Essa problematização aproxima as crianças de noções fundamentais da Educação Ambiental, permitindo que compreendam, ainda que de forma inicial, as relações entre consumo, descarte e reaproveitamento. Trata-se de um aprendizado que não é imposto, mas que emerge da curiosidade e da investigação coletiva, respeitando a lógica do pensamento infantil.

Figura 2 – Mini-história “A invenção de Pedro”

A invenção de Pedro

Durante a brincadeira na pracinha, Pedro resolveu apoiar as madeiras no caminho de pneu. Com cuidado, ele apoiou uma madeira de cada lado. Depois, tentou unir as madeiras no topo do pneu. Alguns amigos então se juntaram a ele na brincadeira.

Pedro ia orientando a construção
Coloca assim... Não tão pra cima... Espera, deixa que eu ajeito.

E assim, a construção foi ganhando forma, ficando do jeitinho que Pedro esperava. Ao finalizar tiveram uma ideia para aproveitar as rampas que haviam sido formadas: “Que tal escorregar?”

E assim os meninos fizeram. Cada um escorregou uma vez. E então resolveram mudar um pouco a brincadeira “Será que dá pra colocar o pneu pra escorregar?” Eles testaram. E deu certo.

Então mais amigos se juntaram a brincadeira. E dividiram a s tarefas:

- Subir o pneu na rampa e soltá-lo;
- Acompanhar a descida do pneu;
- Acompanhar o pneu rolando na quadra;
- Trazer o pneu de volta para a pracinha, para a brincadeira recomeçar.

Tinha até torcida e contagem regressiva na espera do pneu rolar pela rampa.

E assim, Pedro e os amigos se divertiram, observando a reação quando empurravam o pneu mais forte, ou quando hesitavam na força. Descobrindo as melhores maneiras de fazer a brincadeira dar certo.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Pedro assume um papel de protagonismo ao orientar os colegas, organizar a brincadeira e avaliar diferentes possibilidades de uso dos materiais. Esse movimento revela importantes dimensões do pensamento científico, como a formulação de hipóteses, a tomada de decisões e a avaliação de resultados. Ao propor maneiras mais adequadas para que todos possam brincar,

Pedro mobiliza processos de análise e comparação, essenciais à construção do conhecimento científico desde a infância.

O episódio ganha ainda maior densidade científica quando as crianças transformam o escorregador inicialmente planejado em uma rampa para rolar pneus. Nessa ressignificação da brincadeira, observa-se a exploração espontânea de conceitos relacionados à física, como força, movimento, velocidade e distância. As crianças passam a experimentar diferentes intensidades de empurrão, observando como a força aplicada interfere na distância percorrida pelo pneu. Assim, o brincar se converte em um verdadeiro laboratório de investigação, no qual as crianças constroem explicações a partir da experiência direta e da observação atenta.

Esse tipo de situação evidencia que o ensino de Ciências na Educação Infantil não se limita à apresentação de conteúdos conceituais, mas se desenvolve a partir da ação, da curiosidade e da interação com o ambiente. Como apontam estudos contemporâneos da pedagogia da infância, é no brincar investigativo que as crianças estabelecem relações causais, levantam hipóteses e constroem sentidos sobre o mundo físico e social. A mini-história, ao registrar esses processos, torna visível o pensamento científico em ação, valorizando as múltiplas linguagens e formas de expressão das crianças.

Nesse contexto, o papel do professor é fundamental como mediador e observador atento, capaz de reconhecer nas brincadeiras cotidianas oportunidades ricas para a aprendizagem científica. Ao documentar a experiência por meio da mini-história, o docente não apenas legitima o protagonismo infantil, mas também cria condições para refletir sobre suas próprias práticas, ampliando intencionalmente os contextos de exploração e investigação. Assim, “A invenção de Pedro” demonstra que as mini-histórias são potentes dispositivos pedagógicos para articular brincar, ciência e sustentabilidade, promovendo uma educação infantil que valoriza a curiosidade, a criatividade e o pensamento investigativo das crianças.

Ao registrar narrativas breves, acompanhadas de imagens e falas das crianças, a mini-história transcende a função meramente descritiva e assume caráter formativo, reflexivo e investigativo.

Na figura 3, temos a situação vivenciada por Murilo, retratada na mini-história intitulada “Vamos brincar de procurar bichos?”, evidencia a potência desse recurso. Diante de brincadeiras que não lhe despertavam interesse, o menino acolhe a sugestão da professora e passa a explorar o pátio da escola em busca de pequenos insetos. O que poderia parecer um episódio trivial revela-se, sob a lente atenta da documentação pedagógica, como o desencadeador de um processo investigativo coletivo. A curiosidade inicial de Murilo mobiliza outras crianças, culminando no encontro de uma lagarta e na formulação de múltiplas perguntas. A partir desse momento, o brincar se converte em pesquisa, e a experiência cotidiana transforma-se em oportunidade concreta de construção do conhecimento científico.

Figura 3- Mini história “Vamos brincar de procurar bichos?”

Vamos brincar de procurar bichos?

Durante a brincadeira na pracinha, Murilo não gostou de nenhuma das brincadeiras dos colegas e estava sentado sozinho, sem brincar. A professora o questionou porque não estava brincando e ele contou “**Não quero brincar dessas brincadeiras dos amigos...**” Nisso, a profe sugeriu “Que tal então você inventar uma brincadeira diferente?”

Murilo pensou por alguns segundos e exclamou “**Já sei! Que tal a gente brincar de procurar bichos?**”

A profe aceitou a sugestão do Murilo e juntos foram caçar animais. Durante a procura, Murilo ia contando “**No muro verde tem joaninhas, e caracol tem lá nas flores da calçada da frente.**” Demonstrando seu conhecimento adquirido pela brincadeira tantas outras vezes feita com os colegas.

Nesse procurar, Evelin se junta a dupla e decide ajudar na busca pelos animais. Alguns passos depois, mais colegas se interessam em saber o que os amigos estavam fazendo, e assim, o número de caçadores vai aumentando.

Encontraram então uma lagarta, e enquanto observavam ela com cuidado (visto que era uma taturana), Murilo faz um pedido “Que tal se a gente estudasse ela?”

O grupo de caçadores gostou da ideia e compartilhou ela com os outros amigos da turma. A lagarta então foi levada para sala, e assim, começamos perguntas para pesquisar e estudar este inseto.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Murilo vai identificando os diferentes tipos de insetos e fica curioso sobre o modo de vida da lagarta, já sistematizando os novos conhecimentos. Essa narrativa permite problematizar a concepção de ciência na Educação Infantil. Observa-se que o interesse pelas ciências não surge de imposições curriculares formais, mas da curiosidade inerente à infância. A grande maioria das crianças manifesta fascínio por fenômenos naturais, pequenos seres vivos, transformações e descobertas do ambiente. Quando a escola reconhece e legitima essa curiosidade, cria condições para o desenvolvimento do pensamento investigativo, da formulação de hipóteses, da observação sistemática e da construção compartilhada de explicações. A mini-história, nesse sentido, não apenas registra o acontecimento, mas o legitima como experiência científica.

Importa destacar que a mini-história não constitui, necessariamente, o fechamento de uma vivência pedagógica. Ao contrário, pode representar o ponto de partida para projetos investigativos de curta ou longa duração. No caso apresentado, a simples busca por “bichinhos de jardim” desdobrou-se em questionamentos que poderiam conduzir a estudos sobre ciclos de vida, habitats, metamorfose, alimentação e preservação ambiental. A documentação desse momento inaugural permite ao professor identificar interesses emergentes e reorganizar o planejamento curricular a partir das inquietações das crianças, conferindo sentido e intencionalidade ao processo educativo.

Outro aspecto central refere-se ao papel do professor como pesquisador de sua própria prática. A mini-história só se materializa porque houve registro fotográfico, escuta sensível e transcrição das falas infantis. A atitude da professora atenta, disponível e aberta ao inesperado foi determinante para que uma sugestão se transformasse em experiência investigativa significativa. Tal postura evidencia uma concepção de docência que ultrapassa a transmissão

de conteúdos e se fundamenta na mediação, na observação e na interpretação pedagógica dos acontecimentos cotidianos.

Do ponto de vista metodológico, a mini-história contribui para a construção da pedagogia da escuta e da visibilidade. Ao tornar públicas as narrativas de aprendizagem, o diálogo entre professores, crianças e famílias é favorecido, além de fortalecer a reflexão coletiva e subsidiar processos avaliativos qualitativos. Diferentemente de instrumentos avaliativos padronizados, a documentação por meio de mini-histórias respeita a singularidade das experiências e evidencia os percursos individuais e coletivos de aprendizagem.

Entretanto, é necessário reconhecer desafios e limites. A produção sistemática de mini-histórias exige tempo, formação docente específica e uma cultura institucional que valorize a documentação pedagógica. Sem esses elementos, corre-se o risco de reduzir o recurso a um registro meramente ilustrativo, esvaziado de análise crítica. Além disso, é imprescindível que o registro seja acompanhado de reflexão teórica consistente, capaz de interpretar os dados observados à luz de referenciais pedagógicos e científicos.

Em síntese, a mini-história constitui um instrumento privilegiado na Educação Infantil por articular a participação infantil, investigação científica e reflexão docente. Ao registrar o episódio de Murilo e a busca por bichinhos no pátio da escola, evidencia-se que a ciência, na infância, nasce da curiosidade, do brincar e da interação com o ambiente. Quando o professor reconhece e documenta esses momentos, transforma experiências cotidianas em processos formativos profundos, reafirmando a Educação Infantil como espaço legítimo de produção de conhecimento, de exercício da autonomia e de descoberta do mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço educativo exerce um papel fundamental no desenvolvimento do protagonismo infantil e, articulado a ele, os materiais e as brincadeiras assumem uma função especialmente significativa na relação das crianças com a aprendizagem. É no encontro entre criança e ambiente que emergem curiosidades, investigações e descobertas, potencializadas pelas interações que se estabelecem entre criança e criança, criança e espaço, e criança, espaço e professor. Essas interações se materializam, sobretudo, nas brincadeiras livres, orientadas e/ou mediadas pelo adulto e constituem momentos privilegiados de construção de conhecimentos, sentidos e vínculos. As aprendizagens que daí decorrem tendem a ser registradas e reinterpretadas, dando origem às mini-histórias, que se configuram como uma forma sensível de documentação pedagógica e como um importante canal de diálogo entre a escola e as famílias.

Nos diferentes espaços da instituição, como o parquinho ou a sala de aula, a professora realiza registros diversos do cotidiano infantil, utilizando fotografias, anotações de falas e diálogos das crianças, bem como audiografações. Esses registros, longe de serem meros arquivos, compõem a documentação pedagógica e tornam visíveis as aprendizagens construídas nas brincadeiras e nas interações cotidianas. Por meio deles, a escola compartilha com as famílias não apenas o que as crianças fazem, mas, sobretudo, como aprendem, pensam e se relacionam com o mundo. Nessa perspectiva, o protagonismo não se limita exclusivamente à criança, mas se estende também ao professor, que observa, escuta, media e orienta as vivências, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Respeitar o protagonismo infantil, portanto, não significa permitir que a criança faça tudo o que deseja sem limites, mas reconhecer suas iniciativas, escutá-la atentamente e intervir de forma ética e pedagógica quando necessário, considerando as necessidades individuais e coletivas. A mediação docente é essencial para ampliar as experiências, provocar reflexões e garantir que as interações ocorram em um ambiente seguro, acolhedor e desafiador. Assim, o

professor atua como um parceiro da criança no processo de aprendizagem, criando condições para que ela explore, experimente e construa sentidos.

Na busca por compreender e evidenciar o protagonismo infantil nas vivências cotidianas, torna-se evidente a importância de um olhar sensível e atento por parte do professor. Esse olhar, aliado aos registros sistemáticos, permite captar momentos singulares de aprendizagem que, muitas vezes, passam despercebidos na rotina escolar. Além de registrar, a professora realiza uma análise reflexiva das experiências vividas, interpretando as aprendizagens que emergem em cada situação. A partir desse processo, organiza as mini-histórias, que passam a compor um documento pedagógico capaz de comunicar às famílias os percursos de aprendizagem das crianças e de fortalecer a parceria entre escola e comunidade.

Dessa forma, as mini-histórias configuram-se como potentes estratégias para documentar e tornar visível o protagonismo das crianças na Educação Infantil. Embora sejam constituídas por narrativas e sequências fotográficas, elas vão muito além de um simples registro ilustrativo. As mini-histórias aprofundam a compreensão dos momentos em que as aprendizagens acontecem, evidenciando processos, interações, hipóteses e descobertas. Fotografias isoladas, sem contexto ou reflexão, não representam um produto final de aprendizagem; elas fazem parte de um processo investigativo que suscita questionamentos sobre as práticas pedagógicas e convida os professores a refletirem continuamente sobre seu fazer docente. Nesse sentido, a documentação por meio das mini-histórias contribui não apenas para valorizar as aprendizagens das crianças, mas também para qualificar e transformar as práticas pedagógicas na Educação Infantil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências – PPGE-UNIJUI e Fundos Nacionais por meio da FCT– Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Ref^a UIDB/05507/2020 com o identificador DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/05507/2020>. Este trabalho é igualmente financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Ref.^a UID/05507/2025 com o identificador DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/05507/2025>. Agradecemos adicionalmente ao Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI) e ao Politécnico da Guarda pelo apoio prestado.

REFERÊNCIAS

ALTIMIR, D. **Como escuchar a la infancia**. Barcelona: Octaedro, 2010.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FRANCESCONI, L.; PANSERA-DE-ARAÚJO, M. C.; TRACANA, R. B. Mini-histórias: evidências de aprendizagens no cotidiano da educação infantil. **Vitruvian Cogitationes**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 39–52, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4025/rvc.v4i2.69135>

FOCHI, P. S. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico**: o caso do Observatório da Cultura Infantil-OBECI. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25072019-131945/>. Acesso em: 09 mar. 2026.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Rev. e Ampl. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; FORMOSINHO, J. Pedagogia em Participação: a documentação pedagógica no âmago da instituição dos direitos das crianças no cotidiano.

Revista Em Aberto, Brasília, DF, v. 30, n. 100, p.115-130, set./dez. 2017.

DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.30i100.3391>

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emília**: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

VECCHI, V. **A arte e criatividade em Reggio Emilia**: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. Traduzido por Thais Helena Bonini. São Paulo: Phorte, 2013.

Submetido em: 03/03/2026

Aprovado em: 10/03/2026

Publicado em: 02/06/2026



Todo o conteúdo deste periódico está sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), exceto onde está indicado o contrário.